

TECNOLOGIAS DIGITAIS E A RECONFIGURAÇÃO DA COMUNICAÇÃO TRANSNACIONAL NA EXPERIÊNCIA MIGRATÓRIA VALADARENSE

DIGITAL TECHNOLOGIES AND THE RECONFIGURATION OF TRANSNATIONAL COMMUNICATION IN THE VALADARENSE MIGRATORY EXPERIENCE

Wilson Ribeiro Domingos Junior

Universidade Vale do Rio Doce

ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-1120-9438>

Cristiane Mendes Netto

Universidade Vale do Rio Doce

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5725-8323>

Franco Dani Araújo e Pinto

Universidade Vale do Rio Doce

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6556-9113>

Sueli Siqueira

Universidade Vale do Rio Doce

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1802-4751>

DOI: 10.9771/contemporanea.v22i1.63456

RESUMO:

Este artigo apresenta uma análise do processo de comunicação transnacional à luz das transformações tecnológicas digitais, com ênfase nas dimensões humanas, subjetivas e territoriais. Utilizando uma abordagem qualitativa e o método de História Oral, o material empírico é composto por entrevistas com duas mulheres, com laços familiares de mãe e filha, sendo a filha a pessoa que migrou para os Estados Unidos no ano de 2002 e a mãe a que permaneceu morando no Brasil, em Governador Valadares. A análise teórica integra perspectivas das áreas de comunicação, migração e tecnologia da informação pela abordagem dos estudos territoriais. Para avaliação das entrevistas, foi aplicada a Análise de Conteúdo, tendo como categorias temáticas a evolução das mídias na

comunicação e a conexão afetiva e emocional entre mãe e filha. Constatou-se, a partir da experiência vivida pelas participantes do estudo, que a evolução da comunicação e das tecnologias digitais afetou a experiência de migração, com mudanças benéficas nos aspectos emocionais e sociais de vínculo entre as entrevistadas. Na atualidade, por meio das tecnologias digitais, foi observado que novas relações se estabeleceram nos territórios vividos, sendo a interação em tempo real parte do cotidiano de ambas. Dessa forma, a transformação do processo de comunicação, a partir das tecnologias digitais, pode proporcionar uma relação do migrante com a família, mais acessível e atualizada, possibilitando contatos com mais frequência.

PALAVRAS-CHAVE: Famílias transnacionais; Migração; Comunicação; Governador Valadares; Estados Unidos

ABSTRACT:

This article presents an analysis of the transnational communication process in light of the transformation brought about by digital technologies, focusing on human, subjective, and territorial dimensions. Adopting a qualitative approach and using the Oral History method, the empirical material consists of interviews with two women, with family ties of mother and daughter, the daughter being the one who migrated to the United States in 2002 and the mother the one who remained living in Brazil, in Governador Valadares. The theoretical analysis integrates perspectives from the areas of communication, migration, and information technology through the approach of territorial studies. For the evaluation of the interviews, Content Analysis was applied, having as thematic categories the evolution of media in communication and the affective and emotional connection between mother and daughter. It was found, from the experience lived by the study participants, that the evolution of communication and digital technologies affected the migration experience, with beneficial changes in the emotional and social aspects of the bond between the interviewees. Currently, through digital technologies, it was observed that new relationships were established in the lived territories, with real-time interaction being part of the daily lives of both. Thus, the transformation of the communication process, from digital technologies, can provide a more accessible and updated relationship between the migrant and the family, enabling more frequent contacts.

KEYWORDS: Transnational families; Migration; Communication; Governador Valadares; United States

INTRODUÇÃO

Conforme ressalta Elhajji (2023), o fenômeno migratório não é algo novo e pode ser considerado tão antigo quanto a existência humana, um elemento intrínseco à história da humanidade. No entanto, com o desenvolvimento das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC), a experiência migratória passa por transformações sociais, culturais e pessoais.

Neste artigo, nos concentramos nas mudanças relacionadas à comunicação e apresentamos os resultados de uma pesquisa interdisciplinar que tem como objetivo compreender como o processo de comunicação transnacional se reconfigura diante das transformações nas tecnologias digitais, no que tange às dimensões humanas, subjetivas e territoriais.

O campo de estudo foi a cidade de Governador Valadares, localizada na mesorregião do Vale do Rio Doce, Minas Gerais, que vive de forma intensa o fenômeno da migração, desde a década de 1960, quando os primeiros migrantes saíram da cidade e foram para os Estados Unidos da América (EUA), como mostram os estudos de Assis (1995), Margolis (1994), Sales (1999) e Siqueira (2009). Com esse fluxo migratório, Governador Valadares passou a vivenciar a formação de famílias transnacionais. De acordo com Carvajal (2014), o conceito de famílias transnacionais refere-se a unidades familiares cujos membros estão distribuídos em dois ou mais países devido a migrações, com a manutenção de relações familiares e de suporte mútuo, por razões econômicas, políticas e sociais, apesar da distância geográfica.

Com uma abordagem qualitativa e com o método da História Oral, o material empírico da pesquisa foi constituído por entrevistas com duas mulheres, com laços familiares de mãe e filha, sendo a filha a pessoa que migrou para os EUA no ano de 2002 e a mãe a que permaneceu morando no Brasil, em Governador Valadares.

A relevância do estudo se justifica pelo caráter interdisciplinar, integrando perspectivas das áreas de comunicação, migração e tecnologia da informação pela abordagem dos estudos territoriais, contribuindo para análise do fenômeno da comunicação transnacional e compreensão do tema na contemporaneidade.

MIGRAÇÃO, TERRITÓRIO, COMUNICAÇÃO E TECNOLOGIAS

A migração, enquanto fenômeno multifacetado, ultrapassa fronteiras geográficas e sociais, deixando uma trama complexa de conexões entre lugares de origem e destinos.

O território, por sua vez, emerge como um conceito importante para compreender as dinâmicas desse processo. Conforme Haesbaert (2023), o território é apresentado como uma rede de relações de poder e significados, na qual interagem aspectos sociais, políticos, econômicos e culturais. Dessa forma, o território não é apenas um local delimitado geograficamente, mas um espaço de práticas e interações sociais que refletem as dinâmicas de controle, apropriação e identidade.

De acordo com os estudos de Haesbaert (2009), é essencial compreender e distinguir três conceitos inter-relacionados: territorialidade, desterritorialização e reterritorialização. O primeiro, na concepção do autor, é uma expressão das relações de poder e identidade, envolvendo tanto a materialidade do território quanto as formas simbólicas e imateriais de pertencimento e controle. Trata-se de um conceito que integra e articula múltiplos espaços e dimensões da experiência humana. Essa perspectiva reconhece que o território não é apenas uma entidade física, mas também uma construção social e cultural, moldada por relações de poder e identidades coletivas. A desterritorialização é o processo pelo qual os vínculos tradicionais com um território específico são enfraquecidos ou rompidos. É a perda de controle ou conexão com um espaço previamente significativo. A reterritorialização é o processo de reconfiguração e reapropriação de um território, em que novos vínculos, significados e identidades territoriais são criados, após a desterritorialização. Esse conceito complementa a ideia de desterritorialização, mostrando que, embora os vínculos tradicionais possam ser enfraquecidos, novos vínculos podem ser estabelecidos em outros espaços ou contextos.

Ao explorar a relação entre território e migração, busca-se compreender não apenas as dimensões geográficas do fenômeno mas também as narrativas, identidades e poderes que emergem nesse entrelaçamento, para o entendimento do fenômeno migratório. Conectando território e migração, Haesbaert (2009) associa a pessoa que migra a uma desterritorialização relativa, visto que a ideia de desterritorialização não deve ser qualificada simplesmente como uma perda total de território, mas sim como uma transformação e reterritorialização constante. O autor destaca que migrante é uma categoria complexa, com tantos tipos quanto indivíduos ou grupos envolvidos. Assim, é preciso sempre qualificar a migração. Tanto a desterritorialização quanto a migração são processos multifacetados e diferenciados internamente, dependendo do momento da trajetória analisada. Existem migrações econômicas, políticas, culturais e ambientais. A multiplicidade de fatores que desencadeiam os fluxos migratórios está relacionada ao tipo e nível de desterritorialização envolvidos.

No âmbito das discussões sobre comunicação e migração, Elhajji (2023) destaca a associação entre o fenômeno migratório e o suporte midiático oferecido pelas TDIC, com a sua incorporação no cotidiano dos migrantes. Conforme apresenta o autor, esse uso ocorre não só por necessidades subjetivas, afetivas e administrativas, mas também pela disponibilidade de meios como blogs, fóruns, jornais, revistas on-line e serviços (comerciais, matrimoniais) criados especificamente para o público. Dessa forma, estar nesse ciberespaço é uma forma de estar na sua cidade e de se manter ligado à terra e à cultura de origem.

A relação entre os conceitos ciberespaço e cibercultura é abordada por Lévy (2010), que define o ciberespaço como o novo meio de comunicação que surgiu a partir da internet, um espaço virtual onde a informação flui e as interações humanas se desenvolvem. A cibercultura, por sua vez, é definida como o conjunto das técnicas, de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e valores que se estabelecem. Em essência, a cibercultura representa a cultura nascida e moldada pelo ciberespaço, englobando as novas formas de comunicação, expressão, aprendizado e organização social que emergem nesse ambiente digital. Lévy (2010) destaca a natureza dinâmica da cibercultura e enfatiza seu potencial para transformar a sociedade e a maneira como nos relacionamos com o conhecimento e uns com os outros. Essa perspectiva também é apresentada por Santaella (2003), que destaca a evolução das tecnologias de comunicação e a emergência da cultura das mídias, enfatizando as mudanças em como as pessoas se relacionam com a informação, o entretenimento e a cultura na era digital.

Com referência às transformações digitais, Martino (2015) contribui para a compreensão de conceitos que transpassam a cibercultura e a comunicação. Conforme o autor apresenta, as tecnologias digitais permeiam os aspectos da vida contemporânea, transformando as relações sociais, o trabalho e o lazer. O autor relata como as mídias digitais, ao reconfigurar os espaços de interação e as formas de produção e consumo de informação, redefinem as relações sociais e culturais. A convergência das mídias, a interatividade e a imersão digital promovem um cenário em que as fronteiras entre o real e o virtual se tornam cada vez mais tênues. Dessa forma, tem-se que as TDIC não apenas transformam os meios de comunicação como também moldam percepções, identidades e formas de estar no mundo.

METODOLOGIA

A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa e no percurso metodológico foi utilizado o método de História Oral (Meihy; Ribeiro, 2011), com a realização de entrevistas.

Para a escolha dos participantes, estabeleceu-se a condição de serem pessoas maiores de idade, de famílias transnacionais e terem mantido um processo de comunicação por cartas e outras formas de se comunicar, até o ano de 2023. A busca ocorreu por meio de contatos pessoais do pesquisador com pessoas de Governador Valadares (MG). Foram selecionadas duas mulheres, com laços familiares de mãe e filha, sendo esta a pessoa que migrou para os Estados Unidos no ano de 2002 e aquela a que permaneceu morando em Governador Valadares (MG). Considerando o enfoque qualitativo da pesquisa, priorizou-se a análise detalhada das experiências das participantes em vez da quantidade de entrevistadas (Brisola; Marcondes, 2011). Dessa forma, o significado das experiências relatadas por ambas as entrevistadas foi considerado suficiente para alcançar os objetivos propostos do estudo.

Por se tratar de uma pesquisa com seres humanos, foram respeitados os princípios éticos da pesquisa, sendo o projeto analisado por um Comitê de Ética em Pesquisa e iniciado após aprovação. A realização das entrevistas aconteceu em três etapas, conforme sugere Magalhães (2017): pré-entrevista, entrevista e pós-entrevista. Os momentos pré-entrevistas foram os contatos prévios e o convite para participação. Durante as falas foi respeitado o ritmo de cada participante, com pouca interrupção, demonstrando uma escuta atenta. Não houve interferências e emissão de juízo de valor, buscando valorizar a participação e o relato das experiências de ordens objetiva e subjetiva, expressas por meio das narrativas. O momento pós-entrevista consistiu em retornos junto às participantes para validação da transcrição. As entrevistas foram transcritas integralmente, mantendo os modos e erros de fala dos participantes, a fim de preservar a naturalidade da interação.

A realização da entrevista com a participante que reside nos EUA foi feita de forma on-line, adotando o recurso de webconferência, com gravação integral do conteúdo, com captura de imagem de webcam e áudio. A entrevista com a participante que reside em Governador Valadares aconteceu de modo presencial, com recurso de gravação de áudio e vídeo. A abordagem adotada nas entrevistas concentrou-se em questões ligadas a sentimentos e memórias sobre o processo de comunicação e o uso de tecnologias por uma família transnacional.

Para a análise, foram valorizadas tanto as narrativas individuais quanto a combinação entre os dois relatos, visando compreender o processo de comunicação e a utilização das mídias e TDIC. Com relação ao material transcrito, foi aplicada a Análise de Conteúdo,

conforme apresenta Bardin (2011). Na etapa de exploração do material, foram estabelecidas como categorias temáticas: a evolução das mídias na comunicação e a afetividade e conexão emocional entre mãe e filha. Na categoria de evolução das mídias na comunicação foram destacadas as experiências usando cartas, fotos, vídeos, telefones, computadores e internet. Com relação à afetividade e à conexão emocional entre mãe e filha, foram destacadas as narrativas relacionadas aos afetos e territorialidades vividas por ambas. A discussão dos resultados foi feita retomando os fundamentos teóricos da pesquisa para análise dos relatos nas categorias estabelecidas.

Quanto às entrevistadas, a mãe, dona Isabel, tem 63 anos, natural de Governador Valadares, possui o ensino fundamental e é pensionista do marido já falecido. Isabel tem dois filhos que moram em Governador Valadares. Um deles migrou antes da irmã para um país europeu, mas decidiu retornar ao Brasil. O outro filho não migrou. A filha, Telma, tem 43 anos e mora no estado de Nova Jersey, nos EUA. Quando migrou, a valadarense era formada em curso técnico de enfermagem e a principal motivação era melhorar a situação financeira e fazer um curso de graduação. Inicialmente, ela migrou com o desejo de ficar apenas três anos, mas vive nos EUA há 21 anos. Hoje, Telma está casada com um valadarense, com quem ela namorava antes de migrar. Desde que ele chegou lá, passaram a morar juntos e atualmente têm dois filhos. Telma e o esposo não possuem cidadania estadunidense até o momento, mas trabalham no país.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No processo de comunicação vivenciado por Isabel e Telma, destacamos, primeiramente, o uso das cartas que mãe e filha utilizaram para se comunicar. Segundo as entrevistadas, as cartas demoravam em média de 15 a 20 dias para chegarem ao destino e eram utilizadas em vez de ligações telefônicas, tendo em vista que estas tinham um alto custo financeiro para serem realizadas com frequência por elas.

O que era falado em cada meio de comunicação foi definido por elas:

No telefone eram coisas mais urgentes, mais assim de momento, que estava acontecendo.

Nas cartas passavam as emoções, a tristeza, a saudade. (Telma).

O envio de fotos, junto às cartas, era uma prática adotada por Telma para compartilhar com a mãe momentos como o casamento e a gravidez. Nos registros fotográficos, guardados ainda por Isabel, existem fotos de Telma com vestido de noiva, com a barriga

de grávida e do chá de bebê do neto. Isabel conheceu o primeiro filho de Telma, que nasceu em 2006, por fotos enviadas em uma carta:

Foi muito emocionante. Era meu segundo neto, mas o primeiro da minha filha. E para uma mãe, ver de longe a filha chegando no hospital e com o netinho depois, muito triste. Minha vontade era estar lá perto dela, mas não podia. Ela tá do outro lado do mundo. (Isabel).

Telma também relembrou esse momento e o envio das fotos do filho para a mãe:

A gente não tinha, tipo WhatsApp, quando o meu filho nasceu. Não tinha essas coisas e não tinha, então, como eu mandar. Minha mãe nunca teve rede social, então, tipo assim, naquela época só tinha, acho que era Orkut, mas minha mãe não tinha isso, minha mãe não tinha acesso a esse tipo de coisa. Então, eu queria muito que ela conhecesse o neto e eu tive que mandar por carta, mandar as fotos pelo correio mesmo para ela poder conhecer o neto, até ela poder conhecer ele pessoalmente. (Telma)

A troca de cartas como forma mais frequente de comunicação parou de acontecer quando Telma conseguiu colocar telefone fixo na casa da Isabel, cerca de quatro anos depois que foi para os EUA. Na época, ter telefone em casa era algo distante para elas e foi uma promessa dela para Isabel:

É porque quando eu vim do Brasil para cá, estava começando a expansão de telefone aí no Brasil. Antigamente também, as linhas telefônicas eram muito caras e a gente alugava ou comprava, mas era um absurdo. Então, quando eu vim estava começando essa expansão [...] Foi eu que comprei uma linha telefônica para ela, logo que eu cheguei, foi o meu primeiro investimento que eu fiz pra minha mãe, foi ela ter uma linha telefônica pra gente poder se comunicar. (Telma).

E com o telefone fixo em casa, a comunicação entre as duas ficou mais frequente, conforme pode ser observado no relato descrito a seguir:

Todo dia ela ligava, quase todos os dias. Tinha dia que não, às vezes já não tinha tempo, e com o telefone já não precisava, assim, mais escrever. [...] Não precisava escrever mais, falava de tudo e contava tudo também. (Isabel)

Com as ligações, ouvir a voz, de acordo com as entrevistadas, despertava sentimentos e emoções como, por exemplo, a saudade. Durante a entrevista, Isabel relembrou esse fato, quando conversava com a filha:

Ela chorava de saudade por telefone. Sempre falando que estava com saudade, que estava muito triste, muito sozinha. [...] Eu também chorava. Eu tirava o telefone de perto do rosto para ela não escutar eu chorando. Tirava do ouvido, que se ela estava chorando e eu chorasse também, ia piorar a situação. Aí eu chorava sem ela escutar. (Isabel)

Uma nova mudança aconteceu quando Telma enviou para a mãe o primeiro aparelho de smartphone. Segundo as entrevistadas, a comunicação entre as duas ficou mais fácil com o aparelho, conforme relata a mãe: “Eu comecei a ter mais contato direto com ela”.

Quando o smartphone passou a fazer parte da vida de ambas, mãe e filha passaram a vivenciar uma nova forma de comunicação. Isabel, que não tinha um aparelho celular, recebeu da filha Telma o primeiro celular, que era um *iPhone*. Isabel relatou como foi o primeiro contato com o aparelho:

[...] eu custei para aprender no iPhone, né? Eu não sabia mexer com o celular, eu nunca tive um celular para falar a verdade. Não é burrice. É porque eu nunca tive mesmo. Então eu não sabia mexer, ela pediu para o irmão me ensinar. E ele falava: mãe só apertar aqui, mãe aperta esse e eu fui aprendendo nesse celular. Eu comecei a ter mais contato direto com ela, eram as fotos minha, dos meninos a gente tirava foto no celular. Nessa época não tinha WhatsApp. (Isabel).

Com a popularização do acesso à tecnologia de internet, Telma também passou a ter contato com Isabel pelo programa *MSN Messenger*¹, usando um computador. Telma detalhou como foi esse contato pelo programa:

Quando eu cheguei, aqui eu não tinha computador, não tinha esse negócio na época - como é que era chamado mesmo - MSN? Eu não me lembro, tinha um negócio assim, depois que eles lançaram MSN, mas quando eu cheguei ainda não tinha, aí depois que eles lançaram esse MSN, não sei se foi um ou dois anos que eu estava aqui, que eu fui ter acesso a isso, mas quando eu cheguei aqui eu não tinha acesso a isso também, então eu não podia ver a minha mãe, só mesmo por fotos e eram cartas ou só a voz quando ligava. Quando eu ligava e que ainda não tinha aí, depois de um - não sei se foi um ou dois anos que eu tava aqui - que eles lançaram esse negócio de MSN. Que aí que eu não tinha acesso por celular, não tinha acesso à câmera, essas coisas, igual é hoje, então tinha que ter um computador ou um laptop. Aí eu lembro que uma amiga minha tinha esse MSN e aí alguém no Brasil, não lembro quem, que a minha mãe chegou aí na casa da pessoa e eu consegui ver minha mãe. Nós já tínhamos bastante tempo que eu tava aqui quando eu consegui ver minha mãe pela primeira vez. (Telma).

A filha também recordou a emoção de ver a mãe pela primeira vez através de uma transmissão de vídeo, ao vivo, ainda que a comunicação fosse instável:

Uns três anos depois que eu consegui vê-la e também a imagem era muito ruim, não era nada assim igual eu estou te vendo agora, claro. Às vezes a imagem vinha, a voz vinha primeiro e a câmera era horrível. Mas consegui ver minha mãe e matar um pouco da saudade. (Telma).

1 MSN Messenger foi um programa de mensagens instantâneas criado pela Microsoft Corporation.

A era do WhatsApp chegou para mãe e filha no ano de 2013. Isabel, que não tem habilidades para as redes sociais digitais, relatou que sempre pediu ajuda dos filhos quando Telma solicitava fotos ou ligava. No relato de Isabel, fica evidenciado como o contato ficou mais rápido e fácil com o aplicativo de conversas:

Muito bom! E mais frequente e direto eu converso com ela todo dia. Eu tenho ela no meu WhatsApp ela me tem lá também. Hoje é muito boa, mudou tudo. Está tudo diferente, as coisas normalizou, né? Na época era muito sofrimento. Quando ela foi embora, nossa Deus. (Isabel).

Telma também detalhou como o aplicativo tem contribuído para a comunicação com a mãe:

Ah hoje é muito fácil. Hoje o acesso é perfeito. Quero vê-la, ligo de chamada de vídeo no WhatsApp. Eu falo para as pessoas que estão chegando aqui nos Estados Unidos agora, falo assim: Nossa vocês chegaram na melhor época. Vocês podem ver sua família, vocês podem falar, vocês podem falar o dia inteiro, vocês podem se comunicar o dia todo, às vezes eu ficava o dia inteiro esperando da noite para dar hora de ligar para falar com a minha mãe. Hoje é muito tranquilo, muito fácil, muito bom. Quero falar com ela, mando uma mensagem como é que ela está. (Telma).

Com a comunicação que o aplicativo *WhatsApp* permite, Isabel e Telma relataram que sentem que participam mais da vida uma da outra. Com envios instantâneos de fotos e vídeos, a distância não impede que a mãe, por exemplo, participe das festas na casa da filha em outro país:

Todo aniversário dos meus netos ela manda os vídeos para eu ver, aniversário dela, aniversário do marido. O que tem na casa dela eu participo por vídeo. Festa de Natal e Ano Novo por vídeo chamada. Ela faz os vídeos tão legais que eu me sinto lá. Até dou palpite nas coisas dela e ela nas minhas. Se estou vendo algo errado eu falo, dou bronca às vezes. (Isabel).

Por outro lado, os registros das festas e dos acontecimentos no Brasil não fluem com a mesma intensidade, pois, conforme relata Telma, sua mãe não tem muita habilidade com o celular e o WhatsApp:

Ela não tem muito habilidades com essas coisas não, ela me manda sempre áudio e pede: mande áudio que eu não sei ler. A mãe manda muito áudio e eu escrevo mais e ela não escreve nada para mim, ela só manda áudio. Então ela não manda nada para mim também. Não manda foto, não manda nada, sabe? Eu tenho que ficar falando: mãe, tira foto de tal. Aí ela fala: Espera quando os meninos vem [sic] aqui eu vou pedir eles para tirar e mandar, mas eu sempre mando. (Telma).

Na análise desses relatos de mãe e filha, retomamos os estudos de Martino (2015), que aborda como a transformação das mídias nos meios de comunicação redefine a

experiência do usuário, ao proporcionar novas formas de interação, vivência e compartilhamento de informações. O autor apresenta a noção de convergência, que parte do princípio de que as diferentes mídias tendem a ser agregadas e ressignificadas na experiência dos indivíduos, gerando novas articulações na maneira como esses fenômenos são vivenciados. Os processos de convergência são dinâmicos e acontecem quando o indivíduo recria, no seu cotidiano, as mensagens e as experiências no processo de comunicação. Outro destaque apresentado por Martino (2015) é que a convergência não significa um meio novo destruindo ou invalidando um meio antigo, mas ambos se modificando mutuamente em uma interseção da qual emergem novos significados. Nesse contexto, as mídias tradicionais e digitais não são entidades isoladas, mas elementos interdependentes que se moldam mutuamente, gerando novas possibilidades de interação.

De acordo com as entrevistas realizadas, a comunicação vivenciada entre a mãe, Isabel, e a filha, Telma, fez uso de diferentes meios, sendo que em alguns momentos, as cartas se mantiveram presentes, ainda que utilizassem outros meios. A maneira como elas aproveitaram cada forma de se comunicar mostra que o avanço não anulou os meios mais básicos de comunicação. A experiência de mãe e filha foi sendo modificada com a transformação tecnológica, fazendo com que elas desenvolvessem habilidades para o uso de novos meios de comunicação e se adaptassem, para a manutenção do contato entre as duas.

Identificamos, por meio dos relatos, que a comunicação digital proporcionou uma forma de participação no cotidiano de suas vidas, oportunizando compartilhar momentos de intimidade e a rotina da relação mãe e filha. Conforme as entrevistas, elas contam que nada substitui o contato físico, mas as ligações, fotos, vídeos e até videochamadas pelo WhatsApp contribuem para aproximá-las em uma compressão do tempo e espaço (Harvey, 1992). De acordo com Harvey, a compressão do tempo e espaço refere-se à aceleração dos processos sociais e à diminuição das barreiras espaciais devido ao avanço da tecnologia e dos sistemas de transporte e comunicação. No contexto da globalização e do capitalismo pós-moderno, essas mudanças provocaram redução do tempo necessário para a produção, distribuição e consumo, bem como das barreiras espaciais que separam as cidades, os mercados e as culturas; que, assim, tornam-se mais interligados.

Para Telma e Isabel a nova forma de comunicação, feita por WhatsApp, além de ser imediata, possibilita que vejam seus entes queridos e tenham notícias da família. Questionadas na entrevista, Isabel e Telma falaram sobre essa questão, respectivamente:

Eu vejo ela em ligação de vídeo no Natal, Ano Novo, no meu aniversário, no aniversário dela. Tudo a gente faz ligação de vídeo. [...] Eu consigo participar de tudo lá e ela, a gente, já sabe como é e dá para ver como que ela está, a casa dela, os filhos, o esposo, né? É bem mais tranquilo. (Isabel).

Para Telma não é diferente, pois afirma que participar da vida da mãe conversando e ver a sua imagem lhe permite, em tempo real, saber como a mãe está e, assim, amenizar a dor da separação física. Ainda de acordo com as entrevistas realizadas nesta pesquisa, mãe e filha mantêm uma comunicação mais próxima com o WhatsApp, pelo qual compartilham notícias de modo mais fácil e frequente, além de participarem em tempo real do cotidiano e das festividades, com conselhos e broncas compartilhados.

Um fato significativo observado é que, mesmo diante das tecnologias digitais existentes, mãe e filha compartilharam um sentimento saudoso pelo processo de comunicação por cartas, pois sentem falta da experiência de escrever e receber as cartas uma das outras.

Haesbaert (2009) e Fuini (2017) contribuem para essa discussão e reflexão na perspectiva da territorialidade e dos afetos. Suas pesquisas sobre territorialidade oferecem um pano de fundo teórico útil para entender essa transformação. Isso porque a territorialidade, entendida como uma manifestação do poder e da identidade que se expressa por meio de uma ligação simbólica com o espaço, encontra um paralelo na forma como as cartas perfumadas representavam um território afetivo e identitário compartilhado entre mãe e filha, conforme podemos verificar nos trechos das entrevistas a seguir:

Sinto falta porque ninguém me escreve, sinto falta, ninguém me escreve, ninguém me manda mais nada. Quer mandar foto? Manda pelo WhatsApp. Quer fazer isso? Manda pelas redes social. Ninguém manda mais nada físico, né? Isso é a cultura do Brasil, mas aqui nos Estados Unidos não, porque o americano ele dá muito valor a um cartão, tipo assim, vamos supor, vai ser seu aniversário daqui uma semana. Os amigos mandam cartão à família, o filho faz um cartão pra mãe... Eles têm essa cultura ainda de escrever um pro outro e eu acho isso muito bonito. (Telma).

[...] a carta remete a algo pessoal. Eu já falei com ela: por que você não escreve uma carta e manda aqui para o Brasil? E ela responde: não precisa mais não, mãe. Agora nós conversamos pelo WhatsApp. [...] Ali [nas cartas] eu vejo a letrelinha dela, né? Parece que é mais contato mais direto a letra dela, tudo direitinho, o cheiro (Isabel).

Essa evolução foi muito bom para tudo, em todos os aspectos, em todos os sentidos, mas eu sinto falta, como eu te disse, eu sinto muita falta do old fashion, Como diz aqui, das coisas antigas, das cartas, de ter também aquele entusiasmo de reunir assuntos para poder falar numa ligação entendeu? Porque hoje em dia você sabe? Você já fala. Não tem mais aquela coisa que era espera... Ah, não, eu tenho que ligar para minha mãe mais tarde para

contar isso para ela. Que tipo assim aconteceu aqui eu já vou falar com ela amanhã. Por isso que às vezes eu nem falo mais com a minha mãe todo dia, porque eu não tenho assunto, não tem novidade, tipo assim, todo dia ela está sabendo, está atualizada de tudo. Antes a gente tinha que guardar informações para atualizar a pessoa, hoje em dia não. Já não tem mais isso, né? Não tem mais aquela sensação, mas assim mudou - eu acredito que para melhor, com certeza - porque eu sinto falta disso, mas eu sei que como está hoje é muito melhor, muito mais fácil. Ameniza mais a dor e a saudade, que também a gente que vida de migrante não é fácil. A gente aqui é muito sozinho, então isso ajudou muito, muito mesmo (Telma).

Essa ligação, marcada pelo “cheiro” e pela “letrinha” da mãe, simboliza uma forma de territorialidade afetiva que parece diluir-se na transição para a comunicação digital. Nesse sentido, a multiterritorialidade e a transterritorialidade, conceitos também explorados por Haesbaert (2009) e Fuini (2017), podem ajudar a compreender essa coexistência de espaços comunicativos - um físico e tangível, outro virtual e instantâneo - e como eles reconfiguram a noção de proximidade e presença.

Nessa reflexão sobre as transformações nas práticas de comunicação mediadas pelas novas tecnologias, as contribuições de autores clássicos como Santaella (2003) e Lévy (2010) tornam-se essenciais para decifrar a complexidade e a dualidade dessas mudanças. Suas teorias sobre inteligência coletiva e cibercultura, consecutivamente, lançam luz sobre como a era digital remodela conceitos fundamentais como identidade, pertencimento e comunidade. As experiências narradas pelas duas entrevistadas, que traçam um caminho da comunicação por cartas escritas à mão até a era predominante do WhatsApp, ilustram a reconfiguração em questão, capturando a ambivalência central desse processo.

De um lado, a mãe, rememorando as cartas perfumadas que enviava e recebia, evoca não apenas a materialidade dessas comunicações, mas a carga emocional embutida nelas. A fisicalidade do papel, a singularidade da caligrafia e o aroma pessoal impregnado são elementos que servem como marcadores de identidade e expressões tangíveis de afeto. Essa prática comunicativa, enraizada na lentidão e na intencionalidade, facilitava uma forma de pertencimento profundamente enraizado na experiência sensorial e na singularidade do indivíduo.

Apesar do saudosismo e da nostalgia, Telma afirma que prefere as atuais ferramentas de comunicação, ressaltando, entre outras coisas, como elas têm ajudado muitas famílias transnacionais, principalmente aquelas cujos parentes se arriscam na travessia pela fronteira com o México para entrar nos Estados Unidos:

Com certeza, porque você vê que as pessoas às vezes ficam perdidas no México e tem como mandar [mensagem] - porque antigamente muitos imigrantes que migravam para cá até morriam nesses desertos sozinhos porque não tinham como comunicar. Hoje em dia todo mundo vem com celular, põe um chip e tá aqui. Um conhecido se perdeu lá no México e mandou um WhatsApp pro cara. Ele mandou a localização dele, porque hoje em dia tem como até você dá sua localização, o táxi foi lá - o cara mandou um táxi lá - onde ele estava. Então se ele não tivesse um celular, não tivesse essa comunicação, ele podia ter morrido ali, com a família dele ou alguém feito algum mal alguma coisa. Então eu falo que hoje em dia eles estão no céu. Uma época minha se acontecesse o que aconteceu com, com o conhecido, eu ia morrer ali sozinha de fome de sede no meio do mato, sem nada.

[...] mudou [a forma de comunicar] - eu acredito que para melhor, com certeza - porque eu sinto falta disso [referindo-se às cartas e outras formas convencionais do passado], mas eu sei que como está hoje é muito melhor, muito mais fácil. Ameniza mais a dor e a saudade, que também a gente que vida de migrante não é fácil. A gente aqui é muito sozinho, então isso ajudou muito, muito mesmo. (Telma).

De uma forma geral, o que se apresenta, neste trabalho, é que a reflexão sobre a dualidade da transição entre o passado e o presente da comunicação revela uma tensão: por um lado, as possibilidades de maior conexão e interação proporcionadas pelas plataformas digitais e, por outro, a nostalgia por formas de comunicação que carregam um peso afetivo e uma presença material insubstituíveis. O desafio reside em equilibrar essas dimensões, reconhecendo tanto o valor inegável das novas tecnologias na superação das barreiras físicas quanto a importância de preservar a essência afetiva que caracteriza as relações humanas profundas.

A transição das cartas para a comunicação digital, portanto, não é meramente uma mudança tecnológica, mas uma transformação complexa que afeta as estruturas emocionais e sociais da comunicação humana. As reflexões trazidas pelos autores supracitados apontam a necessidade de uma compreensão mais matizada dessa transformação, reconhecendo tanto suas potencialidades quanto suas eventuais limitações.

Percebemos que as cartas e as ligações telefônicas mantidas foram o início de uma relação à distância para Telma e Isabel, que ganhou novos significados com a transformação da comunicação ao longo do tempo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Constatamos, nesta pesquisa, que o processo de comunicação se reconfigurou frente às transformações dos meios de comunicação. As TDIC oportunizaram à participante que

migrou para os EUA maior chance de vivenciar o território de origem por meio das telas de computadores e celulares, assim como participar ativamente de momentos sociais importantes. A mesma oportunidade também foi aproveitada pela participante que ficou em Governador Valadares; ela pôde compartilhar mais momentos e mais informações com a filha que migrou. A mudança proporcionou a essa família transnacional criar uma extensão afetiva por meio das tecnologias e uma aproximação entre os territórios. De forma facilitada, por um clique ou um toque na tela, a migrante que estava longe fisicamente podia ver o que acontecia e participar da vida cotidiana dos familiares que ficaram no território de origem.

Assim, verificamos que a transformação do processo de comunicação, a partir das tecnologias digitais, pode proporcionar uma relação do migrante com a família, mais acessível e atualizada, possibilitando contatos com mais frequência. Como dito pelas entrevistadas, não é preciso haver um assunto específico para conversarem pelo aplicativo de mensagens; ambas conseguem manter a relação próxima e as notícias do cotidiano sempre em dia. Observamos, assim, que a transformação das TDIC pode intervir de maneira positiva no contato entre as pessoas de família transnacional. No entanto, como limitação da pesquisa, reconhecemos que a vivência das entrevistadas não pode ser generalizada. O estudo nos permitiu reconhecer muitas transformações vividas no processo de comunicação entre mãe e filha, mas compreendemos que a temática ainda é um campo fértil para realização de novas pesquisas, para compreensão de outras vivências e territorialidades.

A partir da experiência vivida pelas participantes do estudo, pode-se considerar que a evolução da comunicação e das tecnologias digitais afetou a experiência de migração transnacional de valadarenses para os Estados Unidos. Constatamos que as mudanças foram benéficas na relação entre mãe e filha entrevistadas, nos aspectos emocionais e sociais de vínculo. Na atualidade, por meio das TDIC, novas relações se estabeleceram nos territórios vividos, sendo a interação em tempo real parte do cotidiano de ambas.

Verificamos, que a comunicação em si é um meio que está em evolução e que produz novos modos de se viver em sociedade. As tecnologias, por exemplo, apresentam novos modelos de imaginar, ver e até sentir o mundo. Comunicar-se é algo que representa o nosso modo de viver e essa relação abre possibilidades para realização de novas pesquisas nas áreas de migração, comunicação e tecnologias da informação. Este trabalho aborda das cartas até o aplicativo WhatsApp, mas no futuro podem existir outras maneiras de comunicação com quem está distante, e essas maneiras podem ser estudadas para gerar novas possibilidades de pesquisa.

REFERÊNCIAS

- ASSIS, Gláucia de Oliveira. **Estar aqui, Estar lá...: Uma cartografia da vida em dois lugares.** 1995. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1995.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo.** São Paulo: Edições 70, 2011.
- BRISOLA, Elisa Maria Andrade; MARCONDES, Nilsen Aparecida Vieira. A História oral enquanto metodologia dentro do universo da pesquisa qualitativa: um foco a partir da análise por triangulação de métodos. **Revista Ciências Humanas**, v. 4, n. 1, 2011.
- CARVAJAL, Julia Cerda. Las familias transnacionales. **Espacios transnacionales**, v. 1, n. 2, 2014.
- ELHAJJI, Mohammed. **O intercultural migrante: teorias & análises.** Porto Alegre: Editora Fi, 2023.
- FUINI, Lucas Labigalini. O território em Rogério Haesbaert: concepções e conotações. **Geografia, Ensino & Pesquisa**, v. 21, n. 1, p. 19-29, 2017.
- HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade.** 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.
- HAESBAERT, Rogério. Território. **GEOgraphia**, Niterói, v. 25, n. 55, p. 1-7, dez., 2023.
- HARVEY, David. **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural.** Edições Loyola, 1992.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura.** 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2010.
- MAGALHÃES, Valéria Barbosa de (org.). **História Oral e migrações: Método, memória, experiências.** São Paulo: Letra e Voz, 2017.
- MARGOLIS, Maxine L. **Little Brasil: Imigrantes brasileiros em Nova York.** Campinas: Papirus, 1994.
- MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teoria das Mídias Digitais: Linguagens, ambientes, redes.** 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom; RIBEIRO, Suzana L. Salgado. **Guia Prático de História Oral: para empresas, universidades, comunidades, famílias.** São Paulo: Contexto, 2011.
- SALES, Teresa. **Brasileiros longe de casa.** São Paulo: Cortez, 1999.
- SANTAELLA, Lucia. **Culturas e Artes do Pós-humano: da Cultura das Mídias à Cibercultura.** São Paulo: Paulus, 2013.
- SIQUEIRA, Sueli. **Sonhos, sucesso e frustrações na emigração de retorno: Brasil/Estados Unidos.** Belo Horizonte: Argumentum, 2009.

NOTAS

1. A identidade dos nomes das participantes foi preservada e por isso receberam nomes fictícios.
2. Este artigo apresenta resultados de uma dissertação de mestrado concluída e aprovada em 2024.

SOBRE OS AUTORES

WILSON RIBEIRO DOMINGOS JUNIOR Mestre em Gestão Integrada do Território pela Universidade Vale do Rio Doce. Docente dos cursos de Comunicação Social da Universidade Vale do Rio Doce. wilsonribeiro03@gmail.com

CRISTIANE MENDES NETTO Doutora em Gestão e Organização do Conhecimento pela Universidade Federal de Minas Gerais. Mestre em Ciência da Computação pela Universidade Federal de Minas Gerais. É docente do Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Gestão Integrada do Território na Universidade Vale do Rio Doce, em Governador Valadares, Minas Gerais, Brasil. cris.netto@gmail.com

FRANCO DANI ARAÚJO E PINTO Doutor em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e mestre em Gestão Integrada do Território pela Universidade Vale do Rio Doce (Univale), em Governador Valadares, Minas Gerais, Brasil. É docente do Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Gestão Integrada do Território na Univale. É diretor regional Sudeste da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom). francodrd@hotmail.com

SUELI SIQUEIRA Pós doutora pelo Centro de Investigação e Estudos de Sociologia do Instituto Universitário de Lisboa - CIES-IUL. Doutora em Sociologia e Política pela Universidade Federal de Minas Gerais. Mestre em Sociologia pela Universidade Federal de Minas Gerais. É docente do Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Gestão Integrada do Território na Univale. sueli.siqueira@univale.br

Artigo recebido em: 10 de setembro de 2024.

Artigo aceito em: 09 de dezembro de 2024.